

**O Incrível Credo
das Testemunhas
de Jeová**



**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, R.J.**

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 57

O Incrível Credo das Testemunhas de Jeová

2ª EDIÇÃO



**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ
1963**

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO. E REVMO. SR.
DOM MANUEL PEDRO DA CUNHA CINTRA,
BISPO DE PETRÓPOLIS.
FREI BERNVARDO WARNKE, O.F.M.
PETRÓPOLIS, 26-9-1963.

**Título do original inglês: *The incredible Creed of Jehova*
*Witnesses.***

**Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul I,
Minn. U. S. A.**

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

O INCRÍVEL CREDO DAS TESTEMUNHAS DE JEOVÁ

E' sempre para deplorar que, consciente ou inconscientemente, os ensinamentos de qualquer religião sejam mal apresentados por críticos a êles não simpáticos. Contudo, nem sempre é possível fazer justiça à religião dos outros de modo satisfatório para todos os seus adeptos. Isto é verdadeiro sobretudo das crenças religiosas das Testemunhas de Jeová, que despejam uma torrente tão infundável de livros e folhetos, que a gente se sente praticamente defrontado com um oceano de "confusão impressa". A tarefa de descobrir os principais postulados dêles, para não falar de sujeitar os seus ensinamentos a uma análise raciocinada, é o bastante para encher uma pessoa de desespero. Talvez seja por isto que tão poucos têm tentado um estudo doutrinário do sistema teológico dêles.

Sem embargo, alguma consideração pormenorizada dos seus ensinamentos é urgentemente necessitada. O escritor dêste livrinho fez investigações quase desesperadas, partidas de muitos ângulos, para saber onde podia ser obtido um exame detalhado das pretensões desta nova seita, à luz da Bíblia. Porquanto, no seu proselitismo agressivo, os membros da organização Testemunhas de Jeová estão fazendo todo o possível para induzir os adeptos de outras Igrejas cristãs a ingressarem nas suas fileiras, iludindo-os com litera-

tura, enchendo-lhes de folhetos as caixas de correio, e desorientando muita gente boa e simples que justamente é incapaz de resistir a uma torrente de textos bíblicos que, por tudo o que eles sabem, podem significar tudo ou nada.

Entretanto, o propiciamento de um estudo das doutrinas dêles dentro de um breve âmbito tornou-se finalmente possível pela publicação, feita pelas próprias Testemunhas de Jeová, de um sumário razoavelmente conciso dos seus ensinamentos, sumário êsse intitulado: *“Que é que crêem as Testemunhas de Jeová?”* — folheto publicado pela “Watch Tower Bible and Tract Society” (“Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia”).

Esta declaração oficial apela para os seus leitores, dizendo: “Por que escutar fontes prevenidas sôbre aquilo que as Testemunhas crêem? Deixe que as próprias Testemunhas lho digam!” Será um grande alívio fazê-lo, porque afinal nos é dado algo tangível e autêntico de que tratar.

“ESCRIBAS E FARISEUS”

Começa o documento apaziguadoramente com um apêlo à eqüidade. “De vez em quando”, é-nos dito, “um escritor religioso discute as crenças das Testemunhas de Jeová. Todavia, dado o tom inamistoso e crítico dessas discussões, seria um engano esperar obter delas uma descrição acurada daquilo que as Testemunhas de Jeová realmente crêem”. Há nisso alguma coisa real, embora daí necessariamente não se siga que um não tenha acuradamente exposto as doutrinas dos outros por não ser favoravelmente impressionado por elas e por criticá-las. Mas, como aqui

estamos considerando as doutrinas das Testemunhas de Jeová como expostas por êles mesmos, êles já não terão lugar para queixas sob êsse ponto de vista.

Imediatamente, e tipicamente, começam êles jogando com a espada de dois gumes da Escritura, de um modo que é uma “petição de princípio”, se alguma jamais houve. Dizem êles: “Não haveríamos de esperar obter dos Escribas e Fariseus uma correta descrição daquilo que Jesus creu; haveríamos?” A futilidade, para os propósitos dêles, dessa ilustração tirada da Bíblia pode ser imediatamente vista se posta às avessas. Porque sem dúvida o próprio Jesus adotou um “tom inamistoso e crítico” ao discutir os ensinamentos dos escribas e fariseus. “Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas”, disse êle uma e mais vezes (Mt 23,13-15). Não é lá muito amistoso! Êle denunciou as doutrinas dêles e ordenou aos seus discípulos: “Cuidado com o fermento dos fariseus” (Mc 8,15). Certamente uma atitude crítica! Dirão, por isto, as Testemunhas de Jeová que não poderíamos esperar obter do próprio Jesus “uma descrição acurada” daquilo que os escribas e fariseus criam?

A ilustração bíblica empregada pelas Testemunhas bem poderia ser, com a mesma felicidade, aplicada em detrimento delas tanto como em detrimento daqueles contra os quais êles pensam usá-la. O valor dela depende inteiramente da natureza das doutrinas que êles ensinam, e por isto as doutrinas devem ser fixadas antes de podermos admitir que as Testemunhas de Jeová estão justificadas de alinhar-se com Cristo como mestres da verdade, e os críticos delas com os inescrupulosos escribas e fariseus.

O DEUS DAS TESTEMUNHAS

A exposição oficial das crenças fundamentais das Testemunhas de Jeová abre-se com uma declaração da doutrina dêles sobre Deus. Dizem-nos êles: "Já que há muitos "deuses" e muitos "senhores", o verdadeiro Deus tem um nome pessoal para o distinguir de todos os outros deuses".

Aqui temos o que vale por uma positiva profissão de "monolatria", ou idolatria restrita ao culto de um só dos "deuses" pagãos. Os Cristãos são monoteístas; isto é, crêem num só Deus e rendem culto a um só. Para êles não há outros "deuses". Os antigos eram politeístas, adorando muitos pretendidos deuses e não sabendo nada do verdadeiro Deus. As religiões eram idólatras. Vêm agora as Testemunhas de Jeová e, enquanto falam dos "deuses", classificam-no como apenas um dos muitos "deuses", e necessitando ser conhecido por um nome pessoal. E' como se, em vez das dedicadas ao nome "Brown" num endereço, alguém tivesse de procurar iniciais como "J. K." ou "H. W." Brown, para saber de ter achado o Brown certo.

Conclusão só pode ser que as Testemunhas de Jeová são politeístas, visto falarem da existência de toda uma chusma de "deuses", mas que o seu sistema é um sistema de monolatria, visto êles reservarem o seu culto para um só desses "deuses". Esse culto idolátrico de um falso "deus" não é o culto do verdadeiro Deus conhecido quer por Judeus quer por Cristãos. E, para aquêles que realmente crêem no Deus verdadeiro, não é sem blasfêmia escolher assim um de todo um bando de falsos deuses e chamar-lhe o "verdadeiro Deus", como o fazem as Testemunhas de Jeová.

Mas qual é o nome pessoal que distingue o Deus dêles de todos os outros deuses? Dizem-nos êles que êsse nome deve ser achado no Salmo 83, 18, onde lemos: "Só tu, cujo nome é Jeová, és o Altíssimo sobre tôda a terra". Por isto êles declaram que o nome da sua divindade é "Jeová-Deus", nome pessoal que o distingue dos outros deuses, como aparentemente "James K. Brown" é distinguido de "Harold W. Brown" no catálogo telefônico!

O NOME HEBRAICO

Sem dúvida as Testemunhas responderão que falam do Deus que se revelou na Bíblia. Pois não citaram a própria Sagrada Escritura quanto ao nome "Jeová"? Mas aí das penas da ignorância! Na realidade êles não fizeram tal. Porquanto a palavra "Jeová" é simplesmente uma má tradução achada nas Bíblias Protestantes. Tal palavra não ocorre no texto original da Escritura. Deus nunca se deu tal nome, nem nunca pediu que lho dessem.

A palavra hebraica no Salmo 83, 18 (Versão King James. A Vulgata, Sl. 82, 19, traz Altíssimo), mal traduzida nas Bíblias protestantes como "Jeová", é "Javé", significando "Aquêle que é". A idéia, pois, de que a palavra "Jeová", inexistente em hebraico, é o nome pessoal, divinamente revelado, que distingue um deus particular de tôda uma chusma de outros deuses, é inteiramente sem fundamento escriturário.

Pensando confirmar o seu estranho ensinamento, as Testemunhas então afirmam que, "referindo-se a Abraão, Isaac e Jacob, Deus disse a Moisés (Êx 6,3): "Mas por meu nome Jeová fui conhecido dêles". Mais uma vez, entretanto, Deus não disse tal coisa a Moisés. Nenhum inspirado escritor da Sagrada Escritura usou jamais a palavra "Jeová". O texto hebreu dizia:

“Por meu nome Javé eu era conhecido dêles”. Abraão, Isaac e Jacob haviam conhecido o Ente Supremo como “El Shaddai”, que quer dizer “Deus Onipotente”. A Moisés o título “Javé” foi revelado, não como um nome pessoal, no nosso sentido moderno do termo, mas antes como uma descrição da natureza de Deus; porque êle significa “Aquêle que é”, no sentido de que Deus é o Ente Supremo Existente por si mesmo.

Ainda pensando no seu amado termo “Jeová”, as Testemunhas mergulham mais a fundo no seu mar de erros quando vão beatamente até a declarar que Jesus tornou êsse nome conhecido aos seus seguidores, e então citam João 17,6: “Manifestei o vosso nome aos que me destes”. A verdade é que Jesus nunca usou, nem seus discípulos jamais ouviram falar, do termo “Jeová”. Essa palavra, que absolutamente não é palavra hebraica, surgiu de uma leitura errônea da palavra hebraica “Javé”, à qual as letras vogais da palavra hebraica “Adonai”, que quer dizer “o Senhor”, haviam sido atribuídas pelos escritores judeus. Num espírito de profunda reverência, quando quer que deparavam com a palavra sagrada “Javé”, os Judeus, de preferência a pronunciá-la, substituíam-na pela palavra “Adonai”. Ora, as letras vogais para os fins da escrita hebraica não haviam sido inventadas *até uns seis séculos depois de Cristo*, e a leitura errada delas, levando à idéia errônea de “Jeová”, não era possível antes que elas existissem. A palavra “Jeová”, pois, nunca saiu dos lábios de Cristo, e foi inteiramente desconhecida dos seus seguidores imediatos. E, em todo caso, as palavras de Cristo “Manifestei o vosso nome” não fazem referência a nenhum “nome” específico, mas significam: “Revelei-lhes a vossa “natureza” como *seu* Pai tanto como *meu* Pai”.

Rematada loucura é, pois, dizer-nos êsse documento oficial: "Semelhantermente, as Testemunhas de "Jeová" tornam conhecido hoje em dia o nome de Jeová: "Sois minhas testemunhas, diz Jeová, e eu sou Deus" (Is 43,10-12). Também Isaías nunca ouvira falar da palavra "Jeová". Nem Deus, em cujo nome Isaías falava, jamais pediu que as pretensas "Testemunhas de Jeová" fôsem suas testemunhas. O texto de Isaías de modo algum se aplica a esta seita moderna fundada na América no século XIX pelo ex-Congregacional Charles Taze Russell. As únicas palavras bíblicas que podem com razão ser aplicadas às "Testemunhas de Jeová" são as do próprio Nosso Senhor: "Surgirão pseudo-Cristos e pseudo-profetas... para enganar, se possível, até mesmo os eleitos" (Mt 24,24).

NEGAÇÃO DA DIVINDADE DE CRISTO

Volvendo-se em seguida para o assunto do próprio Cristo, as Testemunhas declaram que a primeira criação de Jeová foi seu Filho, "a fiel e verdadeira testemunha, o comêço da criação por Deus" (Apoc. 3,14), "o primogênito de tôda a criação" (Col 1,15). Mas nenhum dos textos citados apóia a pretensão dêles de que "a primeira criação de Jeová foi seu Filho" (entendida a palavra "Jeová" no sentido de "Deus").

De acôrdo com o ensino do Nôvo Testamento, o Filho Eterno de Deus é tão incriado como o próprio Pai Eterno. As Testemunhas de Jeová apenas reviveram aqui a heresia de Ario no século IV, o qual ensinava que a Pessoa de Cristo não preexistiu eternamente como Deus-Filho, Deus é igualmente com o Pai Eterno, mas foi um ente-espírito criado, feito por Deus e usado como um instrumento criado na obra de produção das outras criaturas.

Para abonarem essa noção herética, as Testemunhas de Jeová citam mal o Apoc. 3,14. Esse texto não diz que a Pessoa preexistente que mais tarde se encarnou como o Cristo foi "o começo da criação *por Deus*". O sentido do texto grego é "o começo *da* criação de Deus"; e a referência não é à criação original de todas as coisas por Deus, mas sim à restauração da criação de Deus pela obra redentora realizada pelo Divino Filho encarnado. Na natureza humana criada, em que Ele nasceu da Virgem Maria, Jesus Cristo é o primeiro em honra e dignidade em toda a criação de Deus. Referir esta passagem à criação original em vez de à restauração das criaturas, efetuada pela encarnação e redenção, é tomar com a Sagrada Escritura uma liberdade absolutamente indesculpável, e manifestar ignorância profunda do sentido dela.

As Testemunhas estão em melhor terreno ao referirem o segundo dos seus textos à Pessoa de Cristo como existindo antes da encarnação. Mas o sentido das palavras não é como eles imaginam. Porquanto S. Paulo não cogitou de dizer aos Colossenses que o Filho de Deus era "o primogênito de toda a criação" *como parte dessa criação*. No próprio versículo citado, e imediatamente antes de falar d'Ele como "o primogênito de toda criatura", S. Paulo declarou que Ele é "a imagem do Deus *invisível*". Na sua *visível* humanidade criada, Cristo não era isso. A alusão era à própria Natureza Divina invisível e incriada do Filho Eterno. Gerado eternamente na Natureza Divina, Ele existiu antes de todas as coisas criadas. Assim S. Paulo prossegue dizendo imediatamente: "Nêle estavam todas as coisas criadas no céu e na terra" (Col 1,16); e acrescenta que, portanto, todas as coisas criadas (das quais Ele não é uma) estão subordinadas a Ele. Que S. Paulo não teve a intenção de reduzir o Filho

de Deus ao nível de uma criatura é ainda evidente pela mesma Epístola, onde êle diz: "Nêle (Cristo) habita corporalmente tôda a plenitude da *Divindade*" (Col 2,9).

A DOCTRINA DO "LOGOS" DE S. JOÃO

A declaração oficial das Testemunhas acha necessário destruir precisamente esta doutrina da plena posse da Divindade pela Pessoa de Cristo. Prossegue êle, pois, explicando que "antes de vir à terra êle era conhecido como o verbo ou "Logos", e fora dêle nem sequer uma só coisa veio à existência" (Jo 1,1-3).

Mas que é que S. João diz no primeiro versículo do seu evangelho? Escreve êle: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus". A expressão "no princípio" foi usada para indicar que os pensamentos de S. João remontavam até àquilo que existia antes que a palavra da criação começasse. E no resto do texto temos a distinção das Pessoas — "o Verbo estava *com* Deus" —, e, no entanto, identidade na Natureza Divina — "o Verbo *era Deus*". A fim de fugir a isto, e contrariamente ao claro significado do texto grego, as Testemunhas traduzem a frase final como: "O Verbo era *um deus*". Não há justificativa para tão flagrante má tradução do grego.

Também, corretamente traduzido, o texto de S. João prossegue dizendo: "Por meio dêle tudo foi feito, e sem êle nada foi feito de tudo quanto foi feito". O Verbo, ou o Filho de Deus, não era, êle próprio, uma das coisas que haviam sido feitas ou criadas. Êle era o Fautor Incriado, Deus igualmente com o Pai; e portanto com razão, S. João dissera que "o Verbo (ou Logos) estava com Deus, e o Verbo *era Deus*".

Completamente falsa é, pois, a declaração das Testemunhas que se segue, a saber: que Cristo estêve

“longe de pretender ser igual a seu Pai”. O Nôvo Testamento desmente isso! Por isso em Filipenses 2,5-7, é-nos dito que, estando na forma ou mesma natureza de Deus, Cristo não se julgou usurpador em ser igual a Deus, permanecendo Deus e nada senão Deus, mas desceu ao nosso mais baixo nível pela encarnação, tomando a forma também de homem.

Contra isto as Testemunhas citam João 5,30: “Não posso fazer coisa alguma por minha iniciativa”; e João 14,28: “O Pai é maior do que eu”. O primeiro dêstes dois textos, entretanto, prova que Cristo é Deus. Mesmo encarnada, a Pessoa de Cristo fica sendo Deus; e, como Deus, êle não pode fugir à unidade de atividade com o Pai Eterno em virtude da Natureza Divina que ambos possuem juntamente com o Espírito Santo. As palavras do segundo dêstes dois textos Cristo usou-as quando falando da sua ida para o Pai na Ascensão; isto é, precisamente como encarnado e possuindo uma humanidade criada. Do ponto de vista dessa humanidade de Cristo finita e criada, o Pai era realmente maior. Mas em João 10,30, quando falando sob o ponto de vista da sua Natureza Incruiada e Divina, Cristo disse: “Eu e o Pai somos um”; e queria dizer “um só Ser”.

Onde estas últimas palavras entram em causa, as Testemunhas de Jeová são cegas quanto àquilo que até mesmo os Judeus viram, êles a quem Cristo as dizia. Porquanto os judeus apanharam pedras para o apedrejarem, dizendo-lhe: “Não é por uma boa obra que te apedrejam, mas por blasfêmia; e porque, sendo homem, te fazes Deus”. Os Judeus não aceitaram a pretensão dêle; mas sabiam *o que* êle pretendia. As pretensas Testemunhas de Jeová não o sabem.

Na sua declaração oficial êles dizem que, “portanto, em vista do precedente, as Testemunhas de

Jeová não têm outra alternativa senão rejeitar a doutrina da trindade, como não-escriturária". Mas eles têm outra alternativa. E é que deveriam obter um conhecimento elementar dos princípios de sã interpretação da Sagrada Escritura. De resto, a doutrina da SS. Trindade é tudo, menos não-escriturária. Em Mt 28,19, achamos Nosso Senhor mandando os Apóstolos batizarem "em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo"; não nos "nomes", mas no único nome, indicando a unidade da Divindade igualmente possuída pelas três Pessoas Divinas. A heresia Ariana do século IV, revivida nos nossos dias pelas Testemunhas de Jeová, ainda é o que sempre foi, um ensinamento totalmente falso.

NATUREZA DO HOMEM

O que em seguida vem a ser considerado é a natureza do homem. Dizem-nos as Testemunhas que, "depois de preparar a terra para habitação do homem, Jeová-Deus formou o homem do limo da terra, e infundiu-lhe nas narinas o sopro de vida; e o homem tornou-se uma alma viva" (Gên 2,7).

Ora, seja qual fôr a interpretação do processo da formação do homem, o próprio relato frisa dois princípios distintos como próprios à natureza dêle: um corpo material e, muito mais do que isso, uma força animadora, ou alma, infundida nesse corpo por Deus. Mas as Testemunhas não vêem o significado da descrição de uma ação separada, por parte de Deus, para a comunicação, como seu princípio animador, de uma entidade separada a um corpo já existente.

"Notem", dizem eles, "que o homem não recebeu uma alma imortal; tornou-se, foi então, uma alma viva". Como esforço para argumentar, isto é simplesmente pasmoso. Porque a expressão "o homem tor-

nou-se uma alma viva” é mera figura ordinária da linguagem comum a todos os idiomas, e conhecida como “sinédoque”, ou seja a descrição de uma coisa por alusão apenas a alguma parte principal dela; como quando se diz que uma pessoa fêz-se *de vela* de S. Francisco para Honolulu. Por aí nós não poderíamos argumentar que um barco é uma vela! Do mesmo modo, poderíamos falar dêsse barco como tendo partido com cem *almas* a bordo. Todo homem sensato compreenderia que nós queríamos dizer cem sêres humanos, e que êstes tinham seus corpos consigo. Mas, no interêsse da sua religião peculiar, as Testemunhas de Jeová parece não sentirem obrigação de prestar qualquer atenção nem mesmo às exigências do bom-senso ordinário.

O CASTIGO DO PECADO

Para descrever a queda trágica de nossos primeiros pais no pecado, o sumário das Testemunhas de Jeová repete em resumo o relato dela dado no Livro do Gênese. Declara êle: “Deus mandou ao homem não comer do fruto de certa árvore. A vida de Adão dependia da sua obediência. Se êle desobedecesse, “no dia em que dela comeres certamente morrerás” (Gn 2,17). Adão e Eva desobedeceram, e por isto foram sentenciados”.

Não há necessidade de discutir aqui a exata interpretação dêsses detalhes particulares. O que é de importância para os nossos fins são os comentários das Testemunhas de Jeová sôbre a natureza da própria sentença. Perguntam êles: “Sentenciados a quê? A tormento eterno? Não, à morte: “Porque és pó e ao pó hás de tornar”.

Devemos primeiro perguntar com que direito as Testemunhas de Jeová, do fato de nossos primeiros pais

terem sido sentenciados à morte, concluem que o pecado que êles haviam cometido não merecia, por sua própria natureza, tormento eterno e incorrer sujeição a essa penalidade também. O texto simplesmente não trata dêste outro aspecto do assunto, e nenhum argumento pró ou contra a existência de um inferno eterno no outro mundo pode ser baseado no enunciado como êle se apresenta. O relato trata de uma penalidade particular do pecado, sem nada dizer de quaisquer outras. Êle implica que o homem, criado com um corpo sujeito à morte física, foi ideado para ter isenção dessa morte física como um privilégio especial. Êsse privilégio foi perdido por causa do primeiro pecado; e o homem tornou-se passível de morte física.

Em qualquer outra parte na Bíblia é-nos claramente ensinado que há um inferno eterno na outra vida para os que morrem em estado de pecado grave e impenitente. Arriscar tudo em cada texto isolado da Escritura que alguém sucede estar lendo em dado momento, e perder de vista tudo o mais que é dito em qualquer outra parte na Bíblia, não é caminho para uma compreensão conveniente de tôda a revelação de Deus. Numa discussão do assunto do inferno, devem ser consideradas aquelas passagens que tratam dêsse assunto, e não aquelas que não professam tratar dêle.

Nem há nada a ganhar com a citação de algumas meras palavras que justamente parecem quadrar com aquilo que se quer sustentar, sem consideração com o sentido real pretendido pelo autor delas. É, pois, sem propósito que as Testemunhas introduzam aqui Rom 6,23, onde é dito: "O estipêndio do pecado é a morte". Porque S. Paulo aí não fala da morte física do corpo. Fala metafôricamente, declarando opostos o "pecado" e a "graça", como opostos são a "morte" e a "vida". O pecado é a "morte" para a graça, como a graça

é a “morte” para o pecado. Por isto êle escreve, em Rom 6,11: “Considerai-vos mortos realmente para o pecado, mas vivos em Deus por meio de Jesus Cristo”. Por isto o estipêndio do pecado já é a morte espiritual para a graça.

Mas S. Paulo prossegue dizendo que, enquanto o estipêndio do pecado é a morte espiritual mesmo em alguém ainda vivo fisicamente, assim a graça de Deus é “vida eterna por meio de Jesus Cristo Nosso Senhor”. Aí êle declara que a vida da graça não é restrita a esta vida temporal. Se a tivermos, e se encontrarmos a morte física ainda possuindo-a, acharemos que ela continua na eternidade. E êle entende exatamente a mesma coisa da morte espiritual que êle contrasta com ela. Se estivermos em estado de pecado grave ou de morte espiritual enquanto vivermos nesta vida do tempo e do espaço, e se morrermos sem recobramos a vida da graça, o estado de morte espiritual continuará pela eternidade, no inferno. O pensamento inteiro de São Paulo é que tanto o que é moralmente bom como o que é moralmente mau tem a sua contrapartida na eternidade, ou seja, um bom destino eterno ou um mau destino eterno, sendo êste último o estipêndio do pecado.

IMORTALIDADE NEGADA

As Testemunhas de Jeová pensam arular tôdas as considerações precedentes declarando que em todo caso a alma humana não é imortal e não sobrevive à morte do corpo. “A morte”, diz o sumário oficial dêles, “é a ausência da vida. No “Sheol” ou túmulo “não há nem obra, nem invenção, nem ciências, nem sabedoria” (Ecle 9,10).

Ora, é verdade que um corpo morto não é um corpo vivo. Também, quando um homem está morto e

enterrado, já não é capaz de operar ou de inventar qualquer coisa neste mundo; nem é capaz de manifestar a sua ciência ou sabedoria em conversação com seus irmãos, como antes. Mas isso não diz nada quanto ao que foi feito da sua alma no além-túmulo. Por outro lado, o mesmo Livro do Eclesiastes, 12, 7, nos diz das sortes diferentes do corpo e da alma, dizendo que, na morte, “o pó voltará então à terra como era, e o espírito voltará a Deus, que o deu”. A inatividade do corpo sem vida no túmulo não fornece indicação do que está sucedendo no caso da alma que voltou a Deus que a criou.

Contudo, na sua simplicidade, as Testemunhas logo se confundem. “Adão era uma alma”, dizem êles. “Adão morreu? Adão a “alma viva” morreu? Sim”. Sem dúvida, Adão, como qualquer outro ser humano, constava de um corpo material e de uma alma espiritual e imortal. Por isto Cristo disse: “Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma” (Mt 10,28). Se o corpo e a alma fôsem uma só e mesma coisa, a morte de um seria a morte do outro. A expressão “alma viva”, como vimos, significa meramente “ente vivo”. Como ser humano vivo neste mundo, Adão morreu, voltando o seu corpo material ao pó do qual saíra, e voltando a sua alma espiritual e imortal a Deus que a deu, como o declara o Eclesiastes.

Um dos textos favoritos das Testemunhas é exibido em seguida. Ezequiel não diz (18,4): “A alma que peca morrerá”? Diz. Mas, provavelmente, em parte nenhuma o pouco inteligente literalismo dêles, que não presta atenção ao sentido real da Sagrada Escritura, é mais evidente do que no uso feito pelas Testemunhas de Jeová deste texto particular. Porquanto Ezequiel está apenas refutando a idéia dos Judeus de

que todos os sofrimentos dêles lhes sobrevinham como castigo dos pecados cometidos pelos seus antepassados. O profeta acentua a responsabilidade individual e pessoal. Tudo o que o seu anúncio figurativo e severo significa é que cada um será responsabilizado por Deus pela sua própria iniquidade. O texto não tem qualquer referência ou à natureza da alma ou à questão da sua imortalidade essencial.

Mas Isaías (53,12) não predisse de Jesus que “êle entregou sua alma à morte?” Sem dúvida Isaías disse isso. Mas, falando de maneira idiomática própria da língua hebraica do seu tempo, tudo o que êle quis dizer foi: “Êle morreu”. Entretanto, se fôssemos ser servilmente literais, o texto de modo algum seria a conclusão da idéia das Testemunhas, de que o homem não *recebeu* uma alma, mas *é* uma alma. Porquanto, se o homem entrega a sua alma, está entregando algo que é parte dêle juntamente com alguma coisa mais também pertencente a êle, com resultante morte dessa alguma coisa mais — obviamente o seu corpo. Por outras palavras, a alma separa-se do corpo, com o resultado de que apenas um morto fica àqueles entre os quais o homem anteriormente viveu. Mas Ezequiel realmente não falava sobre a fisiologia da morte. Discutia o problema moral da responsabilidade pelo pecado, acentuando a culpa individual como oposta à culpa coletiva.

Mais um esforço é feito sobre êste assunto, levando novamente as Testemunhas ao Livro do Eclesiastes. “Consoante as Escrituras”, dizem êles, “os animais inferiores também são almas, e por isto lemos: “O que sucede aos filhos dos homens sucede aos animais: uma só coisa lhes sucede: como um morre, assim morre o outro; sim, todos êles têm um só sôpro” (Ecle 3,19).

Não há necessidade de insistir no fato de que essa passagem não prova que os animais inferiores *são* almas. O Eclesiastes admite que êles *têm* almas, pois no versículo 21 pergunta: "Quem sabe se o espírito do homem sobe ao alto, e se o espírito do animal desce para a terra?" A passagem inteira apenas declara a simples verdade de que animais e homens morrem igualmente. Mas no Eclesiastes (12,7), como vimos, achamos dito dos homens o que não é dito dos animais, a saber: que, enquanto o corpo humano volta ao pó, o espírito humano volta para Deus que o deu.

"Não há como compreender mal estas claras afirmações", proclamam as Testemunhas, embora elas mesmas tenham sido inteiramente bem sucedidas em mal compreendê-las. "Por isto as Testemunhas de Jeová não crêem nas doutrinas do tormento eterno e da imortalidade da alma humana".

Para essa sua descrença elas não ofereceram uma só razão profunda. Deram somente uma exibição de completa incompetência em interpretação escriturária. No "Mercador de Veneza", Shakespeare faz Bassanio dizer: "Em religião, que maldito erro há que um personagem grave não possa bendizer e aprovar com um texto?" Estas palavras certamente são aplicáveis à caricatura de religião de autoria do Pastor Russell, embora Shakespeare, escrevendo há duzentos anos atrás, nunca houvesse previsto o advento dela no cenário americano.

A SUPREMACIA DE DEUS NO PELOURINHO!

Agora as Testemunhas de Jeová mergulham nas profundezas ainda maiores da sua pretensa teologia bíblica. Dizem: "Para guiar e proteger a humanidade, Deus proporcionou um "querubim ungido que cobre" (Ez 28,13-14), um anjo custódio. Esse querubim tor-

nou-se ambicioso de ser adorado como Jeová-Deus, e assim virou traidor e foi causa de que o homem desobedecesse a Deus”.

Isto é puro contra-senso. O profeta Ezequiel está descrevendo em linguagem altamente simbólica o rei de Tiro, comparando-o a um ocupante do jardim do Éden que é expulso pelo seu pecado. A passagem não tem nada parecido com o sentido a ela atribuído pelas Testemunhas de Jeová. Não há na Escritura a mais leve alusão ao fato de haver-se qualquer “anjo custódio” tornado ambicioso e traidor a Deus, causando a desobediência do homem a Deus. De fato, Ezequiel profetiza que, assim como o anjo da guarda, longe de os tentar a pecar, expulsou os nossos primeiros pais do Jardim do Éden por haverem desobedecido a Deus, assim também o rei de Tiro será destronado e expulso.

“Isto”, continuam as Testemunhas, “imediatamente suscitou a questão: Por culpa de quem os homens pecaram?” A irrelevância do trecho pela qual eles procuram introduzir êsse problema realmente não suscita questão outra exceto a do próprio direito deles de fazerem a Escritura significar o que quer que lhes apraza! Deixando, entretanto, passar isso, podemos prosseguir com a sua nova linha de pensamento. Perguntam eles: “Teria Jeová-Deus feito o homem fraco, e ainda exigido dêle perfeita obediência se êle quisesse viver? Assim pretendeu o Demônio, jactando-se de que poderia desviar de Deus todos os homens. Vejam Job” (Cap. 1 e 2).

Em vão procurar-se-á nos capítulos mencionados qualquer sugestão de haver o demônio pretendido que Deus fêz o homem fraco e ainda exigiu dêle perfeita obediência. Podemos deixar passar êsses capítulos como nada tendo a ver com o caso.

Verdade é, sem dúvida, que Deus exigiu obediência de nossos primeiros pais; mas não os fez fracos. Dotou-os de livre arbítrio, o que quer dizer que não os forçaria a serem bons, tal como o demônio não poderia forçá-los a serem maus. O demônio não podia fazer mais do que tentá-los. Eles não estavam sob coação para ceder a essa tentação. Eram plenamente capazes de resistir-lhe, e foi por culpa sua que não o fizeram, mas escolheram o pecado por desobediência, como o demônio lhes sugerira. Mas agora, quanto às terríveis conseqüências, — vamos a Jeová!

“O nome e a supremacia de Jeová vieram assim a ser envolvidos”, dizem-nos eles com tãda seriedade. Contudo, como vimos, em lugar nenhum na Sagrada Escritura ocorre o nome de “Jeová”. Nem houve ali qualquer ameaça à supremacia de Deus. O que foi envolvido pelo pecado de nossos primeiros pais foi o próprio destino eterno do homem. Se, depois do pecado, o gênero humano receberia uma oportunidade de arrependimento e lhe seriam dados meios de salvação do desastre eterno, isto dependia inteiramente do amor e da misericórdia de Deus. E no Nôvo Testamento nos é dito que, de fato, “Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único” (Jo 3,16) para a redenção do homem.

Mas as Testemunhas vêem as coisas de modo diferente. Dizem-nos: “Para provar a sua supremacia, para provar que o demônio era um mentiroso, para provar que Ele podia pôr na terra homens que lhe ficassem fiéis a despeito de tudo o que o demônio fizesse, Jeová permitiu que o primeiro par humano e o demônio vivessem”.

Tudo isto é inteiramente fantástico. Deus não tinha necessidade de provar a ninguém o que quer que fôsse. Na sua misericórdia, êle adiou a imposição da

pena de morte física aos nossos primeiros pais, prometendo-lhes um futuro Redentor, e dando-lhes uma oportunidade de arrependimento. As almas dos homens, e também o demônio, sendo espíritos imortais por sua própria natureza, constitucionalmente eram incapazes de cessar de existir, quaisquer que fôssem as condições da sua existência, quer de felicidade quer de miséria. Nenhuma permissão especial era requerida para os habilitar a continuar vivendo, pois êles o tinham de fazer por uma verdadeira necessidade das naturezas que Deus lhes dera inicialmente.

Mas voltemos a Deus. Para o proverem de alguma espécie de autojustificação, as Testemunhas agora imaginam em favor dêle que “Jeová conheceu que alguns da descendência dêles lhe permaneceriam fiéis e assim testemunhariam a Sua supremacia”. Como se fôsse necessário a Deus, na menor medida, que qualquer das suas criaturas testemunhasse a sua supremacia! Se algumas criaturas reconheceram a Sua supremacia, isso não podia conferir-lhe supremacia; nem podia êle perder a sua supremacia se quaisquer criaturas lha negassem. Os efeitos da submissão a Deus ou da rebelião contra Deus afetavam não a Deus, mas às próprias criaturas. Na sua misericórdia, Deus proveu a humanidade de um remédio para os maus efeitos que da sua rebelião pecaminosa os seres humanos haviam acarretado sôbre si mesmos.

Sucede ser verdade que, como nos é dito a seguir, “de Abel em diante, Jeová tinha tido testemunhas na terra”, tomando-se o nome não-escriturário “Jeová” como querendo dizer “Deus”. Porém as pretensas “Testemunhas de Jeová” não devem ser computadas entre quaisquer testemunhas autorizadas em favor de Deus. Elas constituem apenas uma seita protestante moderna fundada por Charles Taze Russell, um ex-Congrega-

cionalista de Pittsburgh, Pennsylvania, que aos vinte anos de idade, em 1872, imaginou que só ele havia finalmente descoberto o verdadeiro sentido da Bíblia e incumbiu seus sectários de testemunhar as suas opiniões peculiares pelo mundo inteiro. Alinhar as “testemunhas” do Pastor Russell com quaisquer mensageiros divinamente autorizados vindos de Deus à humanidade, isto não só violaria a razão, mas também seria um insulto a Deus, dificilmente não incidindo em positiva blasfêmia!

POR QUE RAZÃO DEUS SE FEZ HOMEM

Não fiquem desorientados pelo nosso subtítulo aqui; portanto, como vimos, as Testemunhas de Jeová não crêem que Deus se tenha feito homem. Sustentam que o próprio Cristo era uma espécie de espírito-criatura encarnado que, embora existisse antes das outras criaturas, não preexistiu eternamente, e certamente não era igual a Deus.

Todavia, tendo, por assim dizer, preparado o palco, eles agora tentam explicar a missão de Cristo, tal como sustentam que ele é.

Dizem eles: “Para que seu nome fôsse vingado, para que seu intuito com relação à terra fôsse realizado, e para que os que conservavam integridade obtivessem a vida, Jeová enviou seu Filho ao mundo “para dar sua alma como resgate em troca de muitos” e “dar testemunho à verdade”.

Negando, como negam, a SS. Trindade, e que haja qualquer Deus-Filho, as Testemunhas teriam sido mais honestas se declarassem francamente crer que o seu Jeová enviou ao mundo algum espírito-criatura; como realmente Charles Taze Russell originariamente disse, identificando êsse espírito-criatura com Miguel Arcanjo.

Quanto ao intuito de Deus, podemos imediatamente rejeitar a defesa do seu nome (embora êste nome não fôsse "Jeová"). Deus poderia ter defendido os seus direitos deixando os homens curtir plenamente o justo castigo dos seus pecados. E a Sagrada Escritura ensina que a obra redentora de Deus foi um ato de amor e de misericórdia inteiramente livre de sua parte. Nem foi o motivo de Deus a realização do seu propósito quanto a esta "terra" como um planêta. Foi para que à humanidade caída fôsem dados os meios de alcançar um destino de eterna felicidade no céu.

Errada é também a asserção de que isto era restrito aos "homens que conservaram integridade", coisa que as Testemunhas de Jeová não fazem em nenhum caso. O resgate era para os homens que são pecadores arrependidos. O Nôvo Testamento não nos diz que, "se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1 Jo 1,8)? E o próprio Cristo não disse: "Eu não vim chamar os justos, e sim os pecadores" (Mt 9,13)? As Testemunhas de Jeová citam perpétuamente a Bíblia, mas não têm idéia daquilo que ela realmente ensina.

"EXALTAÇÃO DE CRISTO"

O documento oficial das Testemunhas de Jeová volve-se agora para o pensamento daquilo que a missão de Cristo significava para o próprio Cristo. E começa esta secção com mais uma negação da sua divindade. "Concebido por uma virgem", é-nos dito, "o Verbo fêz-se carne, sendo dado à luz por uma mulher; assim êle era uma criatura real de carne e sangue".

Sem dúvida, as Testemunhas de Jeová querem dizer que Cristo era *sòmente* isso. Tôda essa história dêles de mandar Deus seu *Filho* a êste mundo é pura

pretensão. Êles não acreditam que Deus tenha Filho. Entretanto, qual é a verdade conforme revelada na Sagrada Escritura? E' que o Filho Eterno de Deus, o Verbo que "estava com Deus, e que era Deus", embora ainda continuando a ser Deus, assumiu êle próprio também uma natureza humana nascendo da Virgem Maria. Essa natureza humana era uma real criação de carne e sangue; mas a Pessoa Divina que a possuía ainda pôde dizer, em virtude da Natureza Divina que ela conservou: "Eu e o Pai somos um" (Jo 8,58); e também: "Antes que Abraão fôsse, eu sou" (Jo 8,58) — declaração manifesta de que Êle era o Deus Onipotente que dissera a Moisés: "Dize ao povo de Israel: "EU SOU" enviou-me a vós" (Êx 3,14).

Segue-se outra macaqueação do ensino da Bíblia. Dizem êles: "Por causa da sua demonstração de que um homem perfeito pode conservar a integridade a despeito do demônio, Deus ressuscitou Jesus dos mortos e exaltou-o a uma posição superior" (Filip 2,5-11). Nenhum cristão genuíno pode aceitar isso. Não foi por haver Nosso Senhor demonstrado que alguém que é meramente homem, por mais perfeito que seja, pode conservar a integridade a despeito do demônio, mas sim porque uma Pessoa Divina, igualmente Deus com o Pai, humilhou-se a si mesma na encarnação, e, sofrendo a morte na natureza humana que então assumiu, fêz a vontade do Pai, — foi por esta razão que Jesus foi exaltado mesmo na sua humanidade; e não apenas a uma "posição superior", mas à glória eterna nessa humanidade. Como consequência disso, o verdadeiro culto devido ao próprio Deus é devido a Cristo tanto na sua Natureza Divina como na sua humanidade criada que êle assumiu. Nessa humanidade êle é "o Senhor dos senhores e o Rei dos reis" (Apoc

17,14), de modo que, como São Paulo acentua, “ao nome de Jesus todo joelho se dobra no céu, na terra e nos infernos” (Filip 2-10).

A suprema adoração devida a Deus só é, pois, devida à humanidade glorificada de Cristo em virtude de ser Ele a Segunda Pessoa da SS. Trindade. Com razão podemos aplicar às Testemunhas de Jeová, de mentalidade verdadeiramente terrena, as palavras: “O homem animal não compreende as coisas que são do Espírito de Deus: pois elas são loucura para ele; e nem pode ele conhecê-las, pois elas são discernidas espiritualmente” (1 Cor 2,14).

A IGREJA DE CRISTO

A continuada obra de Cristo neste mundo é o que a seguir prende a atenção das Testemunhas de Jeová. Dizem eles: “Desde Pentecostes, Deus está chamando e preparando uma “noiva”, uma “pequena grei”, um corpo de 144.000 “comprados da terra” para compartilhar a vida e o govêrno celestes “como reis com Cristo para os mil anos”. Estes e Cristo e sua noiva constituem o “reino dos céus”.

O primeiro pensamento que aqui ocorre a qualquer um é que, se Deus está chamando e preparando sua “noiva” desde Pentecostes, as Testemunhas de Jeová, que só vieram à existência em 1872 com o estapafúrdio plano do môço de vinte anos Charles Taze Russell, de Pittsburgo, Pennsylvania, estão uns dezenove séculos em atraso no cenário do mundo para merecerem séria consideração como tendo qualquer parte com essa “noiva”.

A “noiva”, por certo, como os Evangelhos e as Epístolas de S. Paulo tornam claro, é uma expressão simbólica para a Igreja que Cristo fundou, e sôbre a qual

enviou o Espírito Santo no Domingo de Pentecostes em Jerusalém. Com essa Igreja êle prometeu habitar “todos os dias até a consumação dos séculos” (Mt 28,20). A sua Igreja deve, pois, ter estado neste mundo todos os dias desde Pentecostes. E, como isto não pode ser dito das Testemunhas de Jeová, fundadas somente no século dezenove pelo Pastor Russell, não podem elas pretender ligação alguma com qualquer coisa que haja transpirado no Domingo de Pentecostes, cinquenta dias depois da ressurreição de Cristo. Mas alguma coisa também deve ser aqui dita das outras referências escriturárias nesta passagem aliás notável.

Quando Cristo falou da sua Igreja como uma “pequena grei” (Lc 12,32), estava falando ao que era então o mero punhado dos seus discípulos, e mandando-lhes não temerem que lhes faltasse o temporariamente necessário. Êles eram realmente um “pequeno rebanho” quando Êle lhes falou. Mas não disse que êles permaneceriam sendo um “pequeno rebanho”. Na sua parábola da mais pequena das sementes que cresceu até ser uma grande árvore (Mt 13,31-32), êle predisse a imensa expansão futura da sua Igreja. Certamente nunca pretendeu que o “pequeno rebanho” ficasse restrito a “um corpo de 144.000”.

A referência aos “144.000 que foram comprados da terra” ocorre em contexto inteiramente outro, onde S. João descreve, em linguagem altamente simbólica, a sua visão do Cordeiro no céu (Apoc 14,3). Ali o número 144.000, o quadrado de 12 multiplicado por mil, é uma expressão figurada para um número completado; e refere-se a tôda a companhia dos remidos. Êle não significa literalmente 144.000. As interpretações do Apocalipse feitas pelas Testemunhas de Jeová manifestam a verdade do reparo feito pelo erudito pro-

testante de Escritura Prof. C. H. Dodd, de que uma liberdade inqualificada de interpretação bíblica tem levado a aberrações ilimitadas, particularmente exemplificada na exploração dos escritos apocalípticos mais obscuros, tais como o Apocalipse, que se tornou "o terreno privilegiado de tôda argúcia" ("The Bible Today", "A Bíblia hoje em dia", p. 23).

Isto talvez seja ainda mais aparente na explicação das Testemunhas de Jeová sôbre a referência de S. João a reinar com Cristo "por mil anos" (Apoc 20,4). Uma interpretação literal dos "mil anos" está inteiramente em discordância com o método que o resto da Revelação ou Apocalipse requer. O número "mil" não deve ser tomado numêricamente, mas sim figuradamente, como significando uma idade indefinidamente longa. O "Nôvo Comentário da Sagrada Escritura" ("New Commentary of Holy Scripture"), protestante, diz, pois, com razão, que os "mil anos" simbolizam o período total entre a vinda de Cristo na encarnação e a sua segunda vinda no fim dos tempos para julgar tôda a humanidade. A idéia de um "Milênio" literal, como ensinada pelas Testemunhas de Jeová, é totalmente falsa.

DESTINO DA HUMANIDADE

Não se deve pensar que as Testemunhas de Jeová ofereçam esperança sômente aos "144.000", o número que tão mal êles têm compreendido. Dizem-nos êles: "Jesus também morreu "pelas suas outras ovelhas", das quais há muitas. Para essas outras ovelhas o chamado divulga-se agora".

A idéia dêles é que por tôda a eternidade haverá dois ramos do reino de Cristo: uma secção no céu, para a qual só irão os 144.000 escolhidos, e a outra

na terra, onde todo o resto dos “salvos”, os “Jonadabs”, habitarão para sempre, casando-se e multiplicando-se, sem morrer ninguém, tudo sem quaisquer limites de tempo. O problema do limite de espaço nesta terra eles simplesmente ignoram. As “outras ovelhas” devem ter o duvidoso privilégio de acotovelar-se eternamente com os milhões de pessoas a se multiplicarem sem conta na superfície da terra. Evidentemente, os 144.000 bilhetes para os assentos no céu já foram esgotados; e as Testemunhas de Jeová concebem ser agora o seu dever anotar gente como ovelhas para os eternos pastos na face dêste planêta.

Desnecessário é dizer que a referência de Nosso Senhor às suas “outras ovelhas” foi completamente mal aplicada pelas Testemunhas de Jeová. Em João, 10,10, achamos Nosso Senhor dizendo: “Tenho outras ovelhas que não são dêste redil: também essas devo trazer... e haverá um só rebanho e um só pastor”. Ele estava então simplesmente contrapondo ao Israel de outrora, a Igreja que ele estabelecera. Como povo escolhido de Deus, Israel fôra restrito aos Judeus. Aqui Jesus declara que os Gentios, tanto como os Judeus, terão o privilégio de participação no “Nôvo Israel”, a sua Igreja, formando todos um só rebanho sob um chefe supremo visível como seu pastor na terra.

Todavia, agindo sob a sua própria obsessão, as Testemunhas de Jeová passam a avisar a humanidade do tremendo desastre que eles dizem sobrevirá a todos os que rejeitarem a sua mensagem particular. “Procurai a justiça, procurai a mansidão: para que não tenhais de vos esconder no dia da cólera de Jeová, no dia em que tôda a terra será devorada pelo fogo dos zelos de Deus, dia conhecido como “Armageddon”.

A justiça de que eles falam obtém-se fàcilmente. Os “justos” tornaram-se tais pelo simples fato de se

haverem feito Testemunhas de Jeová; embora a arrogância fanática tão característica dessa gente esteja muito distante da mansidão! Quanto ao literalismo cru com que eles interpretam a batalha de Armageddon, não se impressionará com ele ninguém que compreenda o caráter misterioso e simbólico do Apocalipse. Ali "Armageddon" é mera expressão figurativa simbolizando a vitória final, por meio de Cristo, do bem sobre o mal, usando S. João como analogia uma referência (Juizes 5,19) à derrota dos reis de Canaã no Monte de Megiddo (Har-Mageddon).

O MUNDO SATÂNICO

Apressam-se eles a explicar: "A terra literal, por certo, não será devorada pelo fogo, pois "permanece para sempre". Que a terra permanecerá para sempre é, no entanto, nova balela. Em nenhum lugar a Bíblia declara tal coisa. Na verdade, o Eclesiastes (1,4) diz: "Passa uma geração e vem outra geração, mas a terra permanece para sempre". Mas nem por um momento pretendeu o autor que a terra persista por toda a eternidade. Quis simplesmente dizer que, até onde fôr a nossa experiência presente, a terra continua à medida que as gerações se sucedem umas às outras. Ele falava justamente como Tennyson falou no seu poema "O Riacho", onde faz o riacho dizer: "Podem os homens vir e podem os homens ir, mas eu continuo para sempre". Interpretar isso literalmente, como querendo dizer "por toda a eternidade", seria inteiramente absurdo.

O que será devorado pelo fogo, se não é a terra, consoante as Testemunhas de Jeová, é "êste perverso sistema de coisas, ou mundo, do qual Satanás é o deus". Para eles, cada coisa e cada homem é satânico,

exceto a organização das Testemunhas de Jeová e os seus membros. Não obstante, êles achariam muito conturbadora para si a descrição feita por S. João dos reais agentes de Satanás, se o pudessem sequer apreender o significado das palavras dêle. "Ouvistes", escreveu S. João, "que o Anticristo vem; mesmo agora muitos se têm feito Anticristos. E' Anticristo aquêlê que nega o Pai e o Filho" (1 Jo 2,22). As próprias Testemunhas de Jeová fazem justamente isso, pela sua negação da SS. Trindade e da Divindade de Cristo.

Entretanto, para apoiarem a sua denúncia do "mundo" êles declaram que Jesus disse: "O meu reino não é dêste mundo" (Jo 18,36); e assim nos dão ainda outro exemplo do seu manejo falso e completamente irresponsável dos textos bíblicos. Porquanto as palavras citadas não contêm nenhuma referência a qualquer suposta perversidade dos reinos terrestres, nem nenhuma sugestão de que Satanás é o deus de todos êles. Jesus apenas disse a Pilatos que o seu reino não era um reino terrestre temporário, como são outros reinos neste mundo. E é tudo. O que Cristo pensava do mundo sob um ponto de vista moral e espiritual deve ser procurado em qualquer outro lugar.

Mais um ensaio. Dizem as Testemunhas: "O discípulo Tiago advertiu que "amizade com o mundo é inimizade com Deus" (Tgo 4,4). Por isto as Testemunhas de Jeová evitam o mundo". Todavia, isto simplesmente não vem ao caso. S. Tiago não condena o mundo como tal no sentido pretendido pelas Testemunhas de Jeová. Trata das disposições morais do povo para com a riqueza, os prazeres e as honras que se podem granjear no mundo. Ou estas coisas nos dominam, de modo que somos preparados para procurá-las mesmo à custa de infringir as leis de Deus, assim

perdendo a amizade de Deus; ou nós nos dominamos a nós mesmos, observando suficiente autodisciplina no nosso uso das vantagens dêste mundo, de modo que por nenhuma delas ofendamos a Deus; preferindo passar sem elas se elas não puderem ser obtidas sem pecado. Isto é coisa muito diferente de denunciar como “o mundo perverso” todos os que não aceitam a organização das Testemunhas de Jeová, e achando um prazer maligno e vingativo no pensamento dos mais tremendos desastres imaginários com que êsses devem ser punidos!

SINAIS DO FIM

Para obterem que seu aviso seja ouvido, as Testemunhas de Jeová nunca se cansam de proclamar que o fim do mundo está iminente. “Esta geração está vendo o sinal que assinala a segunda presença de Cristo: “Nação levantar-se-á contra nação... haverá escassez de alimento e terremotos... sereis odiados por tôdas as nações... e esta boa-nova do reino será pregada em tôda a terra habitada” (Mt 24).

Ora, se uma coisa foi tornada clara neste nosso comentário, é certamente que a mensagem de Charles Taze Russell não é “a boa-nova do reino”. Consiste apenas nas ridículas idéias de mais outros da longa linhagem de profetas autoconstituídos dos quais o mundo já desde muito se cansou. Que razão há para que se deposite qualquer confiança mais nas falsas interpretações da Escritura feitas por Charles Russell, do que nas dos fundadores de outras similares seitas modernas, ou de Mrs. Mary Baker Eddy com a sua Ciência Cristã, ou de Joseph Smith e os Mormons, ou de Mrs. Ellen G. White e os Adventistas do Sétimo

Dia, ou de Pai Divino com a sua missão "Paz — é admirável", ou de tantos outros?

Quanto ao fato de a nossa geração presente ver os "sinais", em tôda a geração durante os passados vinte séculos houve os que imaginaram que os sinais da segunda vinda de Cristo foram verificados na sua própria época. Não há maior razão para crer que os "sinais" sejam mais particularmente evidentes agora do que nos séculos anteriores. Cristo deliberadamente se absteve de falar claramente sôbre o assunto, dizendo aos seus discípulos: "Não vos compete saber os tempos ou os momentos que o Pai reservou em seu poder" (At 1,7). Ele prometeu que a sua contínua presença estaria com aquêles que lhe pertencem, que o seu poder nêles os habilitaria a superar o pecado, e que finalmente a luta entre o bem e o mal culminaria no seu triunfo manifesto quando Ele vier outra vez em tôda a sua majestade e glória. A auto-segurança dos fanáticos que condescendem com predições baseadas numa interpretação cruamente literal e materialista da Sagrada Escritura é pura presunção.

ETERNIDADE DA TERRA

Mas as Testemunhas de Jeová não tardam a dizer-nos qual será o resultado do juízo iminente. Dizem: "Depois de destruir êste velho mundo, Cristo entrará no nôvo mundo onde "deve habitar a justiça". Então não mais guerra, temor ou necessidade".

Mas o espúrio paraíso por tôda a eternidade nesta terra é uma quimera, totalmente sem evidência para ela. Quando Cristo vier outra vez, será, como êle mesmo declarou, para julgar tôda a humanidade; e o resultado dêsse julgamento será que os maus impenitentes "irão para o castigo eterno, e os justos para a vida eterna"? (Mt 25,31-46). O destino final será ou

um estado de inferno num outro mundo, ou um estado de céu igualmente noutro mundo.

Com a sua afirmação de que “até mesmo os mortos serão lembrados, pois “vai haver uma ressurreição tanto dos justos como dos não justos”, nenhum cristão poderia ordinariamente litigar. Porém, mesmo quando as Testemunhas de Jeová dizem a coisa certa, pode-se ter como pressuposto que êles a entendem de modo errado. De fato, segundo os seus próprios ensinamentos, absolutamente não pode haver ressurreição. Porque êles negam a imortalidade da alma humana. Insistem em que, quando um homem morre, nada dêle sobrevive. Êle se torna simplesmente não-existente. Por isto, não há nada dêle para ressuscitar. Quando muito, Deus poderia criar outro ser que seria uma reprodução de algum ser anterior. Mas o nôvo ser seria um ser diferente, e não a mesma pessoa, de modo algum. Isto certamente não seria a ressurreição de uma pessoa que previamente existira. Mas as Testemunhas de Jeová parecem ser completamente estranhas à filosofia e à lógica, tanto como ao sentido da Sagrada Escritura.

A visão beatífica desta terra flutua-lhes agora mais uma vez dentro da consciência. “Tôda dor, tristeza e pranto serão então riscados, e até mesmo a inimiga morte será destruída. A terra será feita um vasto paraíso”. Mas em parte alguma a Bíblia ensina que a terra se tornará algum dia um vasto paraíso! O próprio Cristo ascendeu desta terra ao céu no seu corpo ressuscitado e glorificado, tendo dito aos seus discípulos: “Vou preparar-vos um lugar, para que, onde eu estou, vós também estejais” (Jo 14,2-3). Quanto às outras condições do céu, êle diria às pretensas Testemunhas de Jeová o que disse aos saduceus: “Vós errais não conhecendo as Escrituras nem o poder de

Deus. Porquanto na ressurreição eles nem se casarão nem se darão em casamento, mas serão como os anjos de Deus no céu" (Mt 22,29-30). Se havemos de ser como os anjos de Deus no céu, não precisaremos de nenhuma habitação material, absurdamente concebida, nesta terra.

CONCLUSÃO

"Assim Jeová será vingado, visto o seu intuito a respeito da terra estar plenamente realizado", conclui essa declaração oficial de doutrina publicada pela Watch Tower Bible and Tract Society (Sociedade Bíblica e Panfletária Atalaia). "Isto, em suma, é o que as Testemunhas de Jeová entendem que a Bíblia ensina e o que eles crêem".

Por uma última vez deve ser dito que Deus em parte alguma reconhece "Jeová" como seu nome. E ele não tem a respeito da terra intuítos que de qualquer modo se assemelhem ao que as Testemunhas de Jeová imaginaram em favor dela. Todo êste triste esquema é indigno da inteligência humana, opõe-se aos ensinamentos da Sagrada Escritura, e é realmente um insulto ao próprio Deus. As doutrinas são devidas a uma incompreensão quase completa da Bíblia, e não a uma verdadeira compreensão dela; e a crença nelas é mera credulidade.

Até aí, pois, quanto à explicação que as próprias Testemunhas de Jeová nos deram da sua nova religião. Começaram dizendo queixosamente que os outros não dão um relato acurado dos seus ensinamentos; mas, como dissemos quando comentamos isso, não há razão para que alguém recorra à falsidade para impugnar a verdade daquilo que eles dizem. Nada poderia revelar melhor a falsidade das doutrinas deles do que a própria exposição destas.

Sem dúvida, poderia ter sido dito sôbre todo êste assunto muito mais do que foi possível dizê-lo neste livrinho, que deliberadamente foi restringido a um exame só daquilo que o sumário oficial dêles contém. Sobretudo, a ausência quase total de quaisquer valores verdadeiramente morais e espirituais no seu sistema pediria ainda maior atenção do que os aspectos ali postos diante de nós. Debalde se procura em todo êle um espírito genuinamente religioso. Em vez das vitais virtudes cristãs de fé, esperança e caridade, êle oferece superstição, presunção, pequeno amor pessoal a Nosso Senhor, e sômente acres denúncias dos seus semelhantes. Não inspira nenhuma das obras de misericórdia corporais. Humildade, mansidão e paciência são inteiramente estranhas à sua concepção. Se, como elas triunfantemente proclamam, as Testemunhas de Jeová sofrem nas mãos dos outros (por mais injustificável que seja a conduta dêsses outros), não sofrem alegremente, mas rancorosamente; e desdenham completamente o fato de que, como um sinal dos verdadeiros seguidores de Cristo, só valem aquêles sofrimentos que são infligidos por amor d'Êle, e não aquêles que os discípulos professos acarretam sôbre si mesmos pelo seu mau procedimento.

Mas não há lugar para entrarmos plenamente nestas importantíssimas matérias. Devemo-nos contentar com a análise da própria declaração oficial dêles, que, afinal de contas, já é mais do que bastante para revelar a falsidade dos seus ensinamentos. Sômente falta de familiaridade com a história, ignorância de sãos princípios de interpretação escriturária, e uma quase completa falta de conhecimento das leis elementares da lógica — deficiências estas tôdas misturadas com uma credulidade ilimitada — poderiam achar o credo dêles sequer remotamente crível.

A Invasão das Testemunhas de Jeová

Temos verificado, nestes últimos anos, uma verdadeira invasão de prosélitos da seita chamada "Testemunhas de Jeová".

Uma das tantas seitas? Sem dúvida. Mas não nos iludamos: é uma das mais ativas e combativas, perante cuja ofensiva não podemos cruzar os braços, ou meramente sorrir de compaixão.

Para melhor nos capacitarmos disto, ouçamos o eloqüente brado das estatísticas. Tôdas as citações são hauridas de publicações da seita. Note-se que as Testemunhas não costumam recensear todos os seus adeptos, mas apenas os "ministros", ou seja, as Testemunhas ativas. Vejam os números:

NO MUNDO:		NO BRASIL:	
1942	 115.240	1923	 8
1947	 207.552	1928	 18
1952	 456.265 ¹	1938	 103
1957	 716.901 ²	1948	 911 ³
		1955	 7.931
		1956	 9.596
		1957	 11.602
		1958	 14.458 ⁴

Mas vamos traduzir estas cifras áridas em fatos mais palpáveis. Nos últimos trinta anos, o aumento dos ministros da seita foi de cerca de 1370%! ⁵ Em 1957, a seita enriqueceu-se de 10.415 ministros por mês. Verdade é que nem todos estão

1) *Qualified to be Ministers*, p. 340.

2) *A Sentinela*, 1-5-1958, p. 283. *Despertai!* (22-5-1958, p. 5) diverge: dá só 653.273.

3) A fonte deste dado está na nota 4; entretanto, a estatística de 1948 diverge um pouco na *Despertai!* de 22-1-1959, pois acusa a cifra de 1.077 ministros (p. 30).

4) *Jornal do Brasil*, 9-10-1958.

5) *A Sentinela*, 15-5-1958, p. 305.

na ativa o ano todo: alguns só se dedicam à pregação uma ou duas vezes por ano. Mas é sempre um contingente não desprezível.⁶

Vem a propósito a seguinte estatística do *The New Yorker*: "Enquanto as 254 outras seitas nos Estados Unidos têm registrado um aumento de 75% no número conjunto de membros, durante o último quarto de século, as Testemunhas avançaram com um ganho de 2.300%, ou num passo trinta e uma vezes mais rápido do que todo o resto junto".

E a *Sentinela* (15-3-1958, p. 173) informa que, de 1951 a 1955, em cada dez minutos as fileiras dos pregadores da seita recebiam um novo membro.

Também no setor da propaganda, as estatísticas são bem eloqüentes. Meditem-se os seguintes dados da literatura distribuída em 1957:

Bíblias e outros livros	3.127.083
Opúsculos	13.420.087
A Sentinela	75.442.810
Despertai!	61.005.344
TOTAL (no mundo todo)	152.995.324 ⁷

153 milhões de impressos cheios de veneno; isto sem contar os milhões de folhetos volantes que a seita também espalha em profusão! Cêrca de 420 mil por dia!

No Brasil, as cidades onde as Testemunhas trabalham mais ativamente são:

S. Paulo	34	"congregações"	2.692	pregadores
Rio de Janeiro ...	23	"	1.468	"
Salvador	17	"	1.067	"

Há também grande trabalho de proselitismo em Recife, Belém e Pôrto Alegre. Mas também em muitas outras localidades as Testemunhas trabalham intensamente e sem esmorecer.⁸

6) A *Sentinela*, 1-5-1958, p. 283.

7) A *Sentinela*, 1-12-1957, p. 296. A revista das Testemunhas reproduz aqui a citação feita pelo Pe. John A. O'Brien em *Our Sunday Visitor* de 3-2-1957.

8) A *Sentinela*, 1-5-1958, p. 287.

9) *Despertai!*, 22-1-1959, p. 30.

Trabalhemos nós também, com caridade e sereno otimismo. Seria um crime ficarmos inertes, quando o inimigo das almas se industria tanto. Mas, principalmente, lembremos sempre que é do Senhor que devemos esperar o auxílio: é sobretudo de joelhos, com o têrço na mão, que deveremos enfrentar os inimigos da nossa fé.

P. W. G.

INDICE

O INCRIVEL Credo das Testemunhas de Jeová	3
“Escribas e fariseus	4
O Deus das Testemunhas	6
O nome hebraico	7
Negação da divindade de Cristo	9
A doutrina do “Logos” de S. João	11
Natureza do homem	13
O castigo do pecado	14
Imortalidade negada	16
A supremacia de Deus no pelourinho	19
Por que razão Deus se fez homem	23
“Exaltação de Cristo”	24
A Igreja de Cristo	26
Destino da humanidade	28
O mundo satânico	30
Sinais do fim	32
Eternidade da Terra	33
Conclusão	35
A invasão das Testemunhas de Jeová	37

